


## INCLUSÃO ESCOLAR DO TEA

 <https://doi.org/10.56238/sevned2024.028-007>

### **Kiany Cardoso Nunes**

Discente do Programa de Pós graduação, mestrado em Políticas Públicas e Desenvolvimento Local da Escola Superior de Ciências da Santa Casa de Misericórdia de Vitória- EMESCAM, Vitória- ES, Brasil.

### **Lidiana Barbosa de Andrade**

Discente do Programa de Pós graduação, mestrado em Políticas Públicas e Desenvolvimento Local da Escola Superior de Ciências da Santa Casa de Misericórdia de Vitória- EMESCAM, Vitória- ES, Brasil.

### **Mariana Santos de Sá Galina**

Discente do curso de Enfermagem, estudante de iniciação científica, Escola Superior de Ciências da Santa Casa de Misericórdia de Vitória- EMESCAM, Vitória- ES, Brasil.

### **Paulo André Stein Messetti**

Docente do Programa de Pós graduação, mestrado em Políticas Públicas e Desenvolvimento Local da Escola Superior de Ciências da Santa Casa de Misericórdia de Vitória- EMESCAM, Vitória- ES, Brasil.

### **Luiz Carlos de Abreu**

Professor Titular do programa de Nutrição, Universidade Federal do Espírito Santo, Campus Maruípe, Vitória- ES, Brasil.

### **Alan Patricio da Silva**

Docente do Programa de Pós graduação, mestrado em Políticas Públicas e Desenvolvimento Local da Escola Superior de Ciências da Santa Casa de Misericórdia de Vitória- EMESCAM, Vitória- ES, Brasil.

---

## **RESUMO**

A inclusão escolar de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) é um desafio complexo que demanda atenção especial para garantir uma educação de qualidade para todos os alunos. Neste contexto, é crucial analisar as práticas e os desafios relacionados a essa inclusão, visando o desenvolvimento de estratégias e políticas que promovam a efetiva participação e aprendizado dessas crianças no ambiente escolar. O objetivo geral deste trabalho é analisar as práticas e desafios relacionados à inclusão escolar de crianças com TEA, buscando contribuir para o desenvolvimento de estratégias e políticas que promovam uma educação inclusiva e de qualidade para todos. A metodologia empregada nesta pesquisa foi de natureza bibliográfica, com a análise de estudos e documentos relevantes sobre o tema da inclusão escolar de crianças com TEA. Os resultados obtidos destacam a diversidade de práticas inclusivas adotadas em diferentes contextos escolares, bem como os desafios enfrentados pelos educadores, familiares e gestores na promoção da inclusão efetiva de crianças com TEA. Conclui-se que a inclusão escolar de crianças com TEA requer um esforço conjunto de todos os atores envolvidos, além de políticas públicas e estratégias educacionais que considerem as necessidades específicas desses alunos. A promoção de uma cultura inclusiva e o apoio adequado são



fundamentais para garantir o pleno desenvolvimento e aprendizado de todas as crianças, independentemente de suas diferenças.

**Palavras-chave:** Inclusão. Educação. Transtorno do Espectro Autista. Práticas. Desafios.



## 1 INTRODUÇÃO

A inclusão escolar de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) emerge como um tema de relevância e complexidade crescentes no contexto educacional contemporâneo. Este trabalho busca explorar as práticas e desafios relacionados à inclusão dessas crianças nas escolas, destacando a importância de compreender e abordar suas necessidades de maneira eficaz e inclusiva.

No âmbito da educação, a inclusão escolar tem sido cada vez mais reconhecida como um direito fundamental de todos os alunos, independentemente de suas habilidades ou características individuais. No entanto, a implementação bem-sucedida da inclusão de crianças com TEA apresenta desafios únicos que requerem atenção especial por parte dos educadores, gestores escolares, famílias e da sociedade em geral.

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é uma condição neurológica que afeta o desenvolvimento e a interação social, comunicação e comportamento daqueles que o vivenciam. Caracteriza-se por uma ampla gama de sintomas e níveis de gravidade, tornando cada experiência individual única. Com a prevalência crescente do diagnóstico de TEA, a inclusão dessas crianças nas escolas regulares tornou-se uma questão premente e multifacetada.

A justificativa para a realização deste estudo reside na necessidade de compreender os desafios enfrentados por crianças com TEA, suas famílias e educadores no contexto escolar, bem como identificar e promover práticas inclusivas que garantam seu pleno desenvolvimento acadêmico, social e emocional. A inclusão escolar não apenas beneficia as crianças com TEA, mas também contribui para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária, na qual a diversidade é valorizada e celebrada.

O cerne deste estudo reside na seguinte questão: Quais são as práticas e desafios relacionados à inclusão escolar de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) nas escolas regulares? Esta questão orienta a investigação sobre as experiências, percepções e necessidades das crianças com TEA, suas famílias e educadores, visando identificar estratégias eficazes para promover uma inclusão escolar verdadeiramente significativa e abrangente.

O objetivo geral deste trabalho é analisar as práticas e desafios relacionados à inclusão escolar de crianças com TEA, buscando contribuir para o desenvolvimento de estratégias e políticas que promovam uma educação inclusiva e de qualidade para todos. Para atingir esse objetivo, os objetivos específicos são: (1) Investigar as práticas atuais de inclusão escolar de crianças com TEA; (2) Identificar os principais desafios enfrentados pelos educadores, famílias e crianças com TEA no contexto escolar; (3) Analisar as percepções e experiências de todas as partes envolvidas na inclusão escolar de crianças com TEA; (4) Propor recomendações para promover uma inclusão escolar mais eficaz e significativa para crianças com TEA.

A relevância deste tema reside na necessidade urgente de garantir que todas as crianças, independentemente de suas diferenças individuais, tenham acesso a uma educação de qualidade e inclusiva. Ao abordar os desafios e promover práticas eficazes de inclusão escolar de crianças com TEA, este estudo busca contribuir para a construção de um ambiente educacional mais acolhedor, diversificado e enriquecedor para todos os alunos.

A metodologia adotada neste estudo será predominantemente bibliográfica, envolvendo a revisão sistemática da literatura acadêmica e técnica relacionada ao tema da inclusão escolar de crianças com TEA. Serão considerados estudos empíricos, revisões teóricas, relatórios governamentais e documentos de políticas, com o objetivo de mapear as práticas existentes, identificar lacunas de conhecimento e propor recomendações para futuras ações e pesquisas.

## **2 DESCRIÇÃO DAS CARACTERÍSTICAS PRINCIPAIS DO TRANSTORNO DO ESPECTRO DO AUTISMO (TEA)**

O Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) é uma condição neurobiológica complexa que afeta o desenvolvimento e o comportamento social, comunicativo e cognitivo de indivíduos. A compreensão das características fundamentais do TEA é crucial para o manejo eficaz e a inclusão adequada dessas pessoas na sociedade, especialmente no contexto escolar.

De acordo com Khoury et al. (2014), as manifestações comportamentais do TEA abrangem uma ampla gama de peculiaridades. Dentre elas, destacam-se dificuldades na interação social e no desenvolvimento de habilidades de comunicação. Indivíduos com TEA podem apresentar padrões de comportamento repetitivos e interesses restritos, o que pode afetar significativamente sua participação em atividades sociais convencionais (Khoury et al., 2014).

Ressalta-se que as peculiaridades sociais do TEA não são uniformes, variando em intensidade e expressão individual. Williams e Wright (2008) enfatizam a importância de reconhecer essa diversidade para uma abordagem personalizada e eficaz na convivência com pessoas diagnosticadas com TEA.

Os desafios na comunicação representam uma faceta significativa do TEA. Ropoli (2010) destaca que muitos indivíduos afetados podem apresentar atrasos no desenvolvimento da linguagem, dificuldades na compreensão de sutilezas comunicativas e uma preferência por formas não verbais de expressão. Silva (2012) ressalta a importância de estratégias específicas para o desenvolvimento da comunicação e da linguagem, visando facilitar a interação e a expressão dessas pessoas.

As sensibilidades sensoriais, como hipersensibilidade ou hipossensibilidade a estímulos sensoriais, são características frequentes no TEA. Severino (2002) observa que indivíduos diagnosticados podem reagir de maneira atípica a estímulos visuais, auditivos, táteis ou olfativos, o que pode impactar seu conforto e participação em ambientes diversos.

Além disso, comportamentos estereotipados, como movimentos repetitivos, são comuns no TEA e podem servir como uma forma de autorregulação em face de estímulos sensoriais desafiadores (Williams & Wright, 2008).

A compreensão das características principais do TEA é essencial para promover estratégias de inclusão adequadas, especialmente no ambiente escolar. As particularidades comportamentais, sociais, de comunicação e as sensibilidades sensoriais devem ser consideradas de maneira individualizada para proporcionar um ambiente inclusivo e facilitar o desenvolvimento pleno desses indivíduos.

## 2.1 NÍVEIS DE TEA

O Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) é uma condição neurobiológica complexa que afeta o desenvolvimento e o comportamento social, comunicativo e cognitivo de indivíduos. A compreensão das características fundamentais do TEA é crucial para o manejo eficaz e a inclusão adequada dessas pessoas na sociedade, especialmente no contexto escolar (Varela, 2017).

O Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) é caracterizado por uma variedade de sintomas que afetam a comunicação, interação social e comportamentos repetitivos. Segundo o DSM-5TR (Almeida, 2023), este transtorno é categorizado em três níveis, cada um refletindo o grau de suporte necessário para o indivíduo:

Indivíduos com TEA no nível 1 apresentam dificuldades notáveis na comunicação social, interação social, flexibilidade comportamental e funcionamento simbólico, manifestando-se, muitas vezes, através de sintomas sutis. Embora possam possuir habilidades linguísticas funcionais, podem enfrentar dificuldades em contextos sociais e na adaptação a mudanças. Essas características podem afetar a capacidade do indivíduo de participar plenamente das atividades diárias e interações sociais (American Psychiatric Association, 2013).

O nível 2 do TEA é caracterizado por um prejuízo mais significativo na comunicação social, interação social e comportamentos repetitivos, exigindo um suporte substancial para acomodar essas dificuldades. Indivíduos neste nível podem apresentar uma comunicação verbal e não verbal limitada, dificuldades em iniciar ou responder a interações sociais e comportamentos repetitivos que interferem no funcionamento diário. Eles podem necessitar de intervenções mais intensivas e apoio direcionado para desenvolver habilidades sociais e de comunicação (American Psychiatric Association, 2013).

O nível 3 do TEA é o mais grave e demanda um suporte muito substancial para acomodar as necessidades do indivíduo. Estes indivíduos enfrentam desafios significativos na comunicação social, interação social e comportamentos repetitivos, com sintomas que afetam profundamente seu funcionamento diário. Podem ter uma comunicação extremamente limitada ou ausente, comportamentos estereotipados intensos e dificuldades em se adaptar a mudanças ou transições.

Requerem um alto nível de apoio e intervenção especializada para realizar atividades básicas do dia a dia e para participar efetivamente em interações sociais (American Psychiatric Association, 2013).

De acordo com Khoury et al. (2014), as manifestações comportamentais do TEA abrangem uma ampla gama de peculiaridades. Dentre elas, destacam-se dificuldades na interação social e no desenvolvimento de habilidades de comunicação. Indivíduos com TEA podem apresentar padrões de comportamento repetitivos e interesses restritos, o que pode afetar significativamente sua participação em atividades sociais convencionais (Gomes, 2015).

Ressalta-se que as peculiaridades sociais do TEA não são uniformes, variando em intensidade e expressão individual. Williams e Wright (2008) enfatizam a importância de reconhecer essa diversidade para uma abordagem personalizada e eficaz para avaliação individualizada, intervenção adaptada, incorporação da perspectiva do indivíduo, na convivência com pessoas diagnosticadas com TEA.

Os desafios na comunicação representam uma faceta significativa do TEA. Ropoli (2010) destaca que muitos indivíduos afetados podem apresentar atrasos no desenvolvimento da linguagem, dificuldades na compreensão de sutilezas comunicativas e uma preferência por formas não verbais de expressão. Silva (2012) ressalta a importância de estratégias específicas como comunicação visual, comunicação aumentativa e alternativa (CAA), comunicação direta e clara, repetição e reforço positivo, rotinas e estruturação, apoio à compreensão de emoções e intenções, adaptação do ambiente, para o desenvolvimento da comunicação e da linguagem, visando facilitar a interação e a expressão dessas pessoas.

As sensibilidades sensoriais, como hipersensibilidade ou hipossensibilidade a estímulos sensoriais, são características frequentes no TEA. Severino (2002) observa que indivíduos diagnosticados podem reagir de maneira atípica a estímulos visuais, auditivos, táteis ou olfativos, o que pode impactar seu conforto e participação em ambientes diversos.

Marina Bialer (2014) destaca a importância de reconhecer as particularidades sensoriais de crianças com TEA para promover um ambiente educacional mais inclusivo e eficaz. Ana Rita Teixeira Fernandes (2016) enfatiza o papel das práticas corporais na regulação sensorial e no desenvolvimento global de crianças com TEA, evidenciando a necessidade de considerar as sensibilidades sensoriais no planejamento de intervenções educacionais.

A hipersensibilidade sensorial, caracterizada por uma reação intensa e aversiva a estímulos sensoriais comuns, é uma das manifestações frequentes no espectro autista (Varela & Machado, 2017). Crianças autistas hipersensíveis podem apresentar aversão a sons, luzes, texturas e cheiros, o que pode gerar desconforto e interferir em seu engajamento e aprendizado na sala de aula (Bialer, 2014). Além disso, a hipersensibilidade sensorial pode levar a comportamentos desafiadores, como recusa em participar de atividades ou crises de ansiedade (Fernandes, 2016).

Por outro lado, a hipossensibilidade sensorial, caracterizada pela busca por estímulos sensoriais intensos ou pela falta de resposta a estímulos sensoriais, também é comum em crianças autistas (Varela & Machado, 2017). Essas crianças podem mostrar pouca sensibilidade à dor, temperatura ou mesmo à percepção do próprio corpo, o que pode dificultar a compreensão de limites físicos e sociais e afetar sua segurança e interação com o ambiente escolar (Bialer, 2014).

Diante dessas sensibilidades sensoriais distintas, é essencial adotar uma abordagem individualizada e sensível às necessidades de cada criança autista (Almeida, 2023). Estratégias de ensino baseadas na metodologia ativa da sala de aula invertida podem ser adaptadas para considerar as sensibilidades sensoriais, oferecendo flexibilidade, escolha e controle sobre o ambiente de aprendizagem (Fernandes, 2016). Por exemplo, fornecer opções de materiais sensoriais e adaptar a iluminação e o ruído do ambiente podem ajudar a reduzir o estresse sensorial e promover a participação ativa das crianças autistas no processo de aprendizagem (Bialer, 2014).

Portanto, ao implementar a metodologia ativa da sala de aula invertida no ensino de crianças autistas, é fundamental considerar as sensibilidades sensoriais individuais de cada aluno e adaptar as atividades e o ambiente de aprendizagem de acordo com suas necessidades específicas. Ao fazer isso, os educadores podem criar um ambiente mais inclusivo e estimulante, que promova o engajamento e o desenvolvimento pleno das crianças autistas no contexto escolar (Varela & Machado, 2017).

Além disso, comportamentos estereotipados, como movimentos repetitivos, são comuns no TEA e podem servir como uma forma de autorregulação em face de estímulos sensoriais desafiadores (Williams & Wright, 2008).

A compreensão das características principais do TEA é essencial para promover estratégias de inclusão adequadas, especialmente no ambiente escolar. As particularidades comportamentais, sociais, de comunicação e as sensibilidades sensoriais devem ser consideradas de maneira individualizada para proporcionar um ambiente inclusivo e facilitar o desenvolvimento pleno desses indivíduos.

### **3 AS PRÁTICAS ATUAIS DE INCLUSÃO ESCOLAR DE CRIANÇAS COM TEA**

A educação inclusiva representa um avanço significativo na abordagem pedagógica, buscando proporcionar oportunidades iguais para todos os alunos, independentemente de suas habilidades ou características. Este tópico explora os benefícios específicos da educação inclusiva para crianças diagnosticadas com Transtorno do Espectro Autista (TEA), destacando a importância desse enfoque inovador.

A implementação da educação inclusiva traz consigo a necessidade de adaptações no ambiente escolar para atender às demandas específicas das crianças com TEA. Carvalho (2019) ressaltam a importância de estratégias flexíveis e recursos que promovam a participação ativa desses alunos. Além disso, a interação social, muitas vezes desafiadora para crianças autistas, encontra terreno fértil na

educação inclusiva. Khoury et al. (2014) destacam que a presença em ambientes mistos proporciona oportunidades regulares para a prática de habilidades sociais, essenciais para o desenvolvimento interpessoal ao longo da vida.

Tabela 1: Práticas atuais de inclusão escolar de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA)

<b>Prática de Inclusão Escolar</b>	<b>Descrição</b>
Avaliação Individualizada	Realização de avaliações específicas para entender as necessidades e habilidades de cada criança com TEA.
Programas de Intervenção	Implementação de programas de intervenção personalizados, incluindo terapia comportamental e educacional.
Suporte para Aprendizagem	Oferecimento de suporte adicional, como assistência individualizada, materiais adaptados e tecnologias assistivas.
Capacitação de Professores	Formação contínua para professores e equipe escolar sobre estratégias de ensino inclusivas e adaptações curriculares.
Parceria com Famílias	Estabelecimento de uma comunicação aberta e colaborativa com as famílias para entender melhor as necessidades da criança e fornecer apoio em casa e na escola.
Ambiente Inclusivo	Adoção de práticas que promovam um ambiente escolar acolhedor e inclusivo, como sensibilização para a diversidade e promoção da aceitação entre os alunos.
Apoio de Profissionais de Saúde	Colaboração com profissionais de saúde, como psicólogos, terapeutas ocupacionais e fonoaudiólogos, para garantir uma abordagem holística no suporte às crianças com TEA.

Fonte: adaptado de (Volkmar & Wiesner, 2019).

A abordagem inclusiva permite a personalização do ensino de acordo com as necessidades individuais, o que é particularmente crucial no caso de crianças com TEA. Ropoli et al. (2010) enfatizam que a flexibilidade curricular proporcionada pela inclusão facilita a adaptação dos métodos de ensino para melhor atender às habilidades e desafios específicos desses alunos. Essa abordagem personalizada, conforme Silva (2012), é fundamental para o estímulo ao potencial cognitivo, favorecendo um ambiente que reconhece e valoriza a diversidade de habilidades e talentos presentes em cada criança.

A eficácia da educação inclusiva para crianças com TEA também está vinculada à colaboração estreita entre professores e profissionais de apoio especializado. Khoury et al. (2014) destacam a importância de uma equipe multidisciplinar que trabalhe em conjunto para desenvolver estratégias eficazes de ensino e apoio emocional. Essa sinergia, como ressalta Severino (2002), não apenas fortalece o suporte à criança com TEA, mas também enriquece a experiência educacional de todos os alunos, promovendo uma cultura de inclusão e respeito mútuo.

### 3.1 COMO AS ESCOLAS PODEM ADAPTAR CURRÍCULOS PARA ATENDER ÀS NECESSIDADES DE ALUNOS COM TEA

A inclusão de alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA) nas escolas comuns tem se tornado uma pauta relevante na área educacional, demandando adaptações nos currículos para atender às necessidades específicas desses estudantes. De acordo com Carvalho (2019), compreender as



nuances do autismo é essencial para proporcionar uma educação mais inclusiva. Nesse contexto, Khoury et al. (2014) destacam a importância do manejo comportamental no ambiente escolar, oferecendo um guia para orientar professores no atendimento a crianças com TEA em situações de inclusão.

A adaptação do currículo é um ponto crucial para garantir o desenvolvimento pleno dos alunos com TEA. Ropoli (2010) destaca que a Educação Especial na perspectiva da inclusão escolar requer uma abordagem que considere a singularidade de cada estudante. A flexibilidade curricular é uma estratégia fundamental, permitindo ajustes que atendam às necessidades específicas de aprendizagem de cada aluno autista.

No âmbito metodológico, Severino (2002) ressalta a importância da pesquisa científica como base para a tomada de decisões na educação. No contexto da inclusão de alunos com TEA, a pesquisa contribui para o desenvolvimento de estratégias pedagógicas eficazes. Ao adaptar os currículos, é necessário considerar as diferentes formas de aprendizagem presentes no espectro autista, proporcionando abordagens variadas para aquisição de conhecimento.

A compreensão do autismo é um elemento central na formulação de estratégias pedagógicas inclusivas. Mundo Singular (Carvalho, 2019) destaca que a abordagem pedagógica deve considerar as características específicas do TEA, como a preferência por rotinas e a sensibilidade sensorial. Dessa forma, a adaptação curricular não se restringe apenas à oferta de materiais diferenciados, mas envolve uma compreensão profunda das necessidades individuais de cada aluno.

Khoury et al. (2014) ressaltam que o manejo comportamental é uma ferramenta fundamental para criar um ambiente educacional acolhedor. Professores devem estar preparados para lidar com comportamentos desafiadores, promovendo estratégias que favoreçam a participação efetiva dos alunos com TEA. A formação continuada dos educadores é, portanto, um investimento crucial para garantir práticas inclusivas e adequadas.

A perspectiva da inclusão, conforme preconizada por Ropoli (2010), vai além da adaptação curricular; implica na promoção de uma cultura escolar inclusiva, onde a diversidade é valorizada. A construção de uma comunidade educacional que acolhe a singularidade de cada aluno com TEA é um processo contínuo, demandando o engajamento de toda a equipe escolar.

A adaptação de currículos para atender às necessidades de alunos com TEA é um desafio que requer uma abordagem multidimensional. A compreensão das características do autismo, aliada a estratégias pedagógicas flexíveis e ao manejo comportamental, é fundamental para promover uma educação inclusiva e equitativa. A pesquisa científica e a formação continuada dos professores são elementos-chave nesse processo, contribuindo para o desenvolvimento de práticas pedagógicas que respeitem e valorizem a diversidade presente no ambiente escolar.

### 3.2 DIRETRIZES GOVERNAMENTAIS SOBRE O TEA

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é uma condição neurodesenvolvimental que afeta a comunicação, o comportamento social e a interação social das pessoas diagnosticadas com essa condição (American Psychiatric Association, 2013). O TEA é uma preocupação de saúde pública, e governos em todo o mundo têm implementado diretrizes e políticas para lidar com os desafios relacionados a essa condição.

Uma das principais diretrizes governamentais relacionadas ao TEA é o estímulo ao diagnóstico precoce e intervenção. Segundo a American Academy of Pediatrics (2018), o diagnóstico precoce do TEA é fundamental para garantir que as crianças afetadas tenham acesso a intervenções e terapias específicas. Governos têm investido em programas de triagem e capacitação de profissionais de saúde para identificar os sinais precoces do TEA (Filipek et al., 2000).

Garantir o acesso a serviços de saúde e educação é outra prioridade nas diretrizes governamentais. O governo deve garantir que as famílias tenham acesso a serviços de saúde de qualidade, incluindo terapias comportamentais e de fala (Dawson et al., 2010). Além disso, a inclusão das crianças com TEA nas escolas regulares é um objetivo importante, e políticas de inclusão devem ser implementadas e monitoradas (Zablotsky et al., 2017).

As famílias de indivíduos com TEA frequentemente enfrentam desafios significativos. Portanto, as diretrizes governamentais também devem incluir medidas de apoio às famílias. Isso pode envolver o acesso a grupos de apoio, serviços de respite care e orientação sobre como lidar com os desafios do TEA (Brooks et al., 2019).

O governo também desempenha um papel importante no financiamento e no incentivo à pesquisa sobre o TEA. É crucial entender melhor a causa do TEA e desenvolver políticas baseadas em evidências científicas (Baio et al., 2018). Além disso, a monitorização constante das políticas existentes é essencial para garantir que elas atendam às necessidades em constante evolução das pessoas com TEA (Mandell et al., 2012).

A conscientização pública sobre o TEA e a redução do estigma associado a essa condição também são metas importantes das diretrizes governamentais. Campanhas de conscientização podem ajudar a promover a aceitação e a compreensão do TEA na sociedade em geral (Autism Speaks, 2021).

Em suma, as diretrizes governamentais sobre o TEA desempenham um papel fundamental na melhoria da qualidade de vida das pessoas afetadas por essa condição. O diagnóstico precoce, o acesso a serviços de saúde e educação, o apoio às famílias, a pesquisa contínua e a conscientização são componentes essenciais dessas diretrizes. O compromisso contínuo dos governos em atender às necessidades das pessoas com TEA é essencial para promover a inclusão e o bem-estar desses indivíduos na sociedade.

### 3.3 AS PRINCIPAIS ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS PARA ATENDER OS ALUNOS COM TEA

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é um conjunto de condições neuropsiquiátricas que afetam o desenvolvimento da comunicação, interação social e comportamento. O diagnóstico de TEA é cada vez mais comum, e, conseqüentemente, a necessidade de estratégias pedagógicas eficazes para atender às necessidades desses alunos tornou-se uma prioridade na educação inclusiva. Neste contexto, este texto abordará as principais estratégias pedagógicas para atender alunos com TEA, destacando a importância de uma abordagem individualizada e inclusiva.

Uma das estratégias pedagógicas fundamentais para atender alunos com TEA é a comunicação alternativa e aumentativa (CAA). Segundo Franco (2018), a CAA engloba métodos e recursos que auxiliam a comunicação de indivíduos que têm dificuldades na fala ou na linguagem. Para alunos com TEA, a CAA pode ser uma ferramenta crucial para expressar necessidades, emoções e pensamentos. A utilização de sistemas de comunicação visual, como quadros de comunicação, pictogramas e aplicativos de comunicação, tem se mostrado eficaz na promoção da comunicação efetiva para esses alunos (Gomes, 2019).

Outra estratégia relevante é a análise do comportamento aplicada (ABA), que é um modelo de intervenção com base em evidências científicas (Smith, 2017). A ABA envolve a aplicação de técnicas de ensino, análise funcional do comportamento e reforçamento positivo para promover o aprendizado e a redução de comportamentos problemáticos. Para alunos com TEA, a ABA pode ser adaptada de acordo com suas necessidades individuais, focando no desenvolvimento de habilidades sociais, acadêmicas e de vida.

A intervenção precoce também é crucial no atendimento a alunos com TEA. Segundo Dawson e Burner (2018), a identificação e intervenção precoces podem melhorar significativamente os resultados a longo prazo para crianças com TEA. Programas de intervenção precoce, como o Modelo Denver de Intervenção Precoce, concentram-se no desenvolvimento de habilidades sociais, emocionais e cognitivas em um ambiente estruturado e de apoio.

Além disso, é importante destacar a relevância da sensibilização e capacitação dos professores no atendimento aos alunos com TEA (Ribeiro, 2019). Os professores desempenham um papel fundamental na implementação de estratégias pedagógicas eficazes. Portanto, é essencial que eles recebam formação adequada sobre o TEA, suas características e estratégias de ensino inclusivas. A formação contínua e o apoio da equipe escolar são componentes-chave para o sucesso da inclusão de alunos com TEA no ambiente escolar.

Em conclusão, o atendimento aos alunos com TEA requer a implementação de estratégias pedagógicas específicas e adaptadas às suas necessidades individuais. A comunicação alternativa e aumentativa, a análise do comportamento aplicada, a intervenção precoce e a capacitação dos



professores são elementos essenciais para promover o desenvolvimento e o sucesso desses alunos na educação inclusiva.

### 3.4 ABORDAGENS EDUCACIONAIS NA PERSPECTIVA INCLUSIVA

A inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais nas escolas regulares tem sido um desafio constante para o sistema educacional. Nesse contexto, diferentes abordagens educacionais têm sido desenvolvidas e implementadas com o objetivo de promover a inclusão efetiva desses alunos. Este texto discutirá algumas das principais abordagens educacionais na perspectiva inclusiva, destacando suas características e contribuições para a promoção de uma educação mais igualitária e inclusiva.

Uma das abordagens mais amplamente reconhecidas na perspectiva inclusiva é a Abordagem Centrada na Pessoa. Essa abordagem se baseia na premissa de que cada aluno é único e possui suas próprias necessidades, habilidades e potencialidades (Ferreira, 2018). Portanto, o foco principal dessa abordagem é o desenvolvimento individualizado, levando em consideração as características de cada aluno. A Abordagem Centrada na Pessoa valoriza a diversidade e busca adaptar o ensino para atender às necessidades específicas de cada aluno, promovendo, assim, a inclusão plena (Ribeiro, 2019).

Outra abordagem relevante na perspectiva inclusiva é a Abordagem Socioconstrutivista. Essa abordagem, fundamentada nas teorias de Vygotsky, destaca a importância das interações sociais e do contexto cultural na aprendizagem (Silva, 2017). Na perspectiva inclusiva, a Abordagem Socioconstrutivista valoriza a colaboração entre alunos com e sem necessidades especiais, promovendo a troca de experiências e o desenvolvimento de competências sociais (Gomes, 2021). Através dessa abordagem, os alunos são incentivados a aprenderem juntos, respeitando suas diferenças e contribuindo para um ambiente escolar mais inclusivo.

Além das abordagens centradas no aluno, a Abordagem Universal Design for Learning (UDL) também desempenha um papel significativo na promoção da inclusão educacional (Almeida, 2018). A UDL parte do pressuposto de que as estratégias de ensino devem ser flexíveis e adaptáveis para atender às diversas necessidades dos alunos (Martins, 2019). Essa abordagem propõe a disponibilização de múltiplas formas de representação, expressão e engajamento, permitindo que cada aluno escolha a maneira mais adequada de aprender (Fonseca, 2020). Assim, a UDL contribui para a eliminação de barreiras no processo de ensino-aprendizagem e para a construção de um ambiente inclusivo.

Outro enfoque importante é a Abordagem da Educação Inclusiva como Direito Humano. Essa abordagem enfatiza que a inclusão na educação não é apenas uma questão pedagógica, mas também um direito fundamental de todos os alunos (Lima, 2018). Ela se baseia em princípios de igualdade, não discriminação e participação ativa (Carvalho, 2019). Ao adotar essa perspectiva, as escolas são desafiadas a garantir o acesso e a participação plena de todos os alunos, independentemente de suas

características individuais (Oliveira, 2021). A Abordagem da Educação Inclusiva como Direito Humano fortalece a importância da inclusão como um imperativo moral e legal.

Em suma, as abordagens educacionais na perspectiva inclusiva desempenham um papel fundamental na promoção de uma educação mais igualitária e inclusiva. A Abordagem Centrada na Pessoa valoriza a individualidade dos alunos, a Abordagem Socioconstrutivista enfatiza a colaboração e as interações sociais, a UDL busca a flexibilidade e a adaptabilidade, e a Abordagem da Educação Inclusiva como Direito Humano destaca a importância de garantir a inclusão como um direito fundamental. Essas abordagens, quando implementadas de forma integrada e adequada, podem contribuir significativamente para a construção de uma sociedade mais inclusiva e igualitária, onde todos os alunos tenham a oportunidade de aprender e se desenvolver plenamente.

### 3.5 MÉTODOS DE COLABORAÇÃO NO CONTEXTO DO ATENDIMENTO AOS ALUNOS COM TEA

No contexto do atendimento aos alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA), a colaboração entre profissionais, familiares e a comunidade escolar desempenha um papel crucial para o desenvolvimento e a inclusão desses estudantes. Neste sentido, é essencial compreender e aplicar métodos de colaboração eficazes que promovam a adaptação do ambiente educacional e atendam às necessidades específicas desses alunos.

A colaboração interprofissional é fundamental para a promoção do sucesso educacional de alunos com TEA. Conforme destacado por Farias (2019), a atuação conjunta de diferentes profissionais, como psicólogos, terapeutas ocupacionais, fonoaudiólogos e professores, permite uma abordagem holística no atendimento a esses alunos. Essa colaboração envolve a troca de informações, a definição de estratégias de intervenção e o acompanhamento constante do progresso do aluno. Além disso, a participação ativa dos pais ou responsáveis nesse processo é fundamental para garantir uma abordagem integrada e centrada no aluno (Gonçalves, 2018).

No que diz respeito à colaboração entre professores e profissionais de apoio, Silva (2021) destaca a importância de reuniões regulares de equipe, nas quais são discutidos os planos de ensino individualizados e estratégias de inclusão. Essas reuniões permitem que os professores compartilhem suas experiências e desafios em sala de aula, enquanto os profissionais de apoio contribuem com sua expertise técnica. Essa colaboração colabora para a adaptação do currículo e das práticas pedagógicas, garantindo que o aluno com TEA tenha acesso a um ensino de qualidade.

A colaboração com a comunidade escolar também desempenha um papel significativo no atendimento aos alunos com TEA. Santos (2017) ressalta que é essencial envolver diretores, coordenadores, funcionários da escola e colegas de classe nesse processo. A sensibilização da comunidade escolar para as necessidades específicas dos alunos com TEA pode contribuir para a

criação de um ambiente inclusivo e acolhedor. Além disso, a promoção de atividades que envolvam todos os alunos, como projetos de sensibilização e conscientização, pode fortalecer a aceitação e a compreensão das diferenças.

No que tange à colaboração com a comunidade externa, como clínicas de reabilitação e organizações sociais, Oliveira (2019) argumenta que parcerias estratégicas podem enriquecer o atendimento aos alunos com TEA. Por meio dessas parcerias, a escola pode acessar recursos adicionais, como terapias especializadas e programas de treinamento para professores. Essa colaboração amplia as possibilidades de oferecer um suporte abrangente aos alunos com TEA, considerando suas necessidades individuais.

A colaboração no contexto do atendimento aos alunos com TEA é um processo contínuo e dinâmico. É importante que todos os envolvidos estejam dispostos a aprender e a se adaptar, à medida que novas informações e estratégias surgem (Fernandes, 2020). A colaboração eficaz exige comunicação aberta, empatia e flexibilidade por parte de todos os participantes, com o objetivo de proporcionar aos alunos com TEA as melhores oportunidades de aprendizado e desenvolvimento.

A colaboração no contexto do atendimento aos alunos com TEA desempenha um papel central na promoção de uma educação inclusiva e de qualidade. Através da colaboração interprofissional, envolvimento dos pais, interação com a comunidade escolar e parcerias externas, é possível criar um ambiente educacional adaptado às necessidades individuais dos alunos com TEA. Essa abordagem colaborativa contribui significativamente para o sucesso e a inclusão desses alunos no ambiente escolar (Martins, 2022).

#### **4 PRINCIPAIS DESAFIOS ENFRENTADOS PELOS EDUCADORES, FAMÍLIAS E CRIANÇAS COM TEA NO CONTEXTO ESCOLAR**

No contexto escolar, a inclusão de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) apresenta uma série de desafios para educadores, famílias e, principalmente, para as próprias crianças. Como ressaltado por Alves (2005), a inclusão é um processo complexo que envolve diversos atores e requer adaptações contínuas. Um dos principais desafios enfrentados pelos educadores é a falta de formação específica para lidar com as necessidades desses alunos (Santos & Mafra, 2017).

A falta de preparo dos educadores pode gerar dificuldades na implementação de estratégias pedagógicas adequadas, bem como na identificação e manejo de comportamentos característicos do TEA (Volkmar & Wiesner, 2019). Além disso, a sobrecarga de trabalho e a falta de recursos materiais e humanos também são desafios enfrentados pelos profissionais da educação (Cabral & Marin, 2017).

Por outro lado, as famílias das crianças com TEA enfrentam desafios significativos no processo de inclusão escolar. Muitas vezes, de acordo com Cunha (2017), essas famílias se veem isoladas e desamparadas, sem suporte adequado por parte da escola e da comunidade. A falta de compreensão e

aceitação por parte de outros pais e até mesmo de familiares pode aumentar o estresse e a ansiedade dos pais de crianças com TEA (Falcão, 2023).

Ademais, a busca por escolas inclusivas e a garantia de uma educação de qualidade são constantes preocupações das famílias de crianças com TEA (Santos & Mafra, 2017). A necessidade de adaptação do ambiente escolar e a implementação de estratégias de ensino individualizadas são demandas frequentes das famílias desses alunos (Volkmar & Wiesner, 2019).

Por fim, as próprias crianças com TEA enfrentam desafios significativos no contexto escolar. Para muitas delas, a sala de aula pode ser um ambiente estressante e aversivo devido a estímulos sensoriais intensos e dificuldades na comunicação e interação social (Cabral & Marin, 2017). A falta de compreensão por parte dos colegas de classe e a ausência de apoio para o desenvolvimento de habilidades sociais também são desafios enfrentados por essas crianças (Cunha, 2017).

A inclusão de crianças com TEA no contexto escolar apresenta desafios complexos para educadores, famílias e crianças. A falta de formação dos educadores, o isolamento das famílias e as dificuldades enfrentadas pelas próprias crianças são apenas alguns dos obstáculos a serem superados nesse processo. É essencial que haja um esforço conjunto de toda a comunidade escolar para garantir uma educação inclusiva e de qualidade para todas as crianças, independentemente de suas diferenças.

## **5 AS PERCEPÇÕES E EXPERIÊNCIAS DE TODAS AS PARTES ENVOLVIDAS NA INCLUSÃO ESCOLAR DE CRIANÇAS COM TEA**

A inclusão escolar de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) é um processo complexo que envolve não apenas a criança, mas também sua família, professores e demais profissionais da escola. Brito (2013) destaca que, ao analisar o processo de inclusão de uma criança autista em uma escola da rede pública, é possível observar diferentes percepções e experiências que influenciam diretamente o sucesso dessa inclusão.

Khoury et al. (2014) ressaltam a importância do manejo comportamental no contexto da inclusão escolar de crianças com TEA. Professores e equipe escolar necessitam de orientações específicas para lidar com os desafios comportamentais que podem surgir, promovendo um ambiente inclusivo e acolhedor para o desenvolvimento da criança.

Menezes (2012), em sua dissertação de mestrado, investiga quem ensina e quem aprende no contexto da inclusão escolar de alunos com autismo. Destaca-se a necessidade de uma abordagem pedagógica que considere as características individuais de cada criança, promovendo aprendizado significativo e respeitando suas particularidades.

Santos e Mafra (2017) exploram os desafios, expectativas e possibilidades enfrentadas pela família e pelos professores no processo de inclusão escolar de crianças com TEA. Essas partes



envolvidas desempenham papéis fundamentais no apoio e na promoção do desenvolvimento da criança, enfrentando juntas os desafios que surgem ao longo do caminho.

Volkmar e Wiesner (2019) oferecem um guia essencial para compreensão e tratamento do autismo, destacando a importância da educação inclusiva e do apoio multidisciplinar para o sucesso da inclusão escolar. Essa abordagem holística é fundamental para garantir que as necessidades da criança sejam atendidas de maneira adequada.

Cabral e Marin (2017) realizaram uma revisão sistemática da literatura sobre a inclusão escolar de crianças com TEA, evidenciando a diversidade de práticas e abordagens utilizadas nesse contexto. A análise desses estudos contribui para a construção de estratégias mais eficazes e inclusivas no ambiente escolar.

Cunha (2017) destaca a importância da Psicopedagogia e de práticas educativas na escola e na família para promover a inclusão de crianças com autismo. A colaboração entre profissionais da educação, família e equipe multidisciplinar é essencial para garantir o pleno desenvolvimento da criança dentro e fora do ambiente escolar.

Falcão (2023) enfatiza o uso de recursos pedagógicos como mediadores no ensino e aprendizagem de crianças com TEA no contexto da inclusão escolar. Estratégias adaptativas e individualizadas são fundamentais para atender às necessidades específicas dessas crianças, promovendo sua participação ativa no processo educacional.

Percebe-se, portanto, que a inclusão escolar de crianças com TEA envolve uma rede complexa de atores e processos, que demandam uma abordagem multidisciplinar e colaborativa para garantir o pleno desenvolvimento e aprendizado da criança.

## **6 RECOMENDAÇÕES PARA PROMOVER UMA INCLUSÃO ESCOLAR MAIS EFICAZ E SIGNIFICATIVA PARA CRIANÇAS COM TEA**

A inclusão de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) no ambiente escolar demanda uma preparação adequada por parte dos professores. Como ressaltam Alves (2005) e Santos e Mafra (2017), a formação docente deve abranger não apenas aspectos teóricos sobre o TEA, mas também práticas pedagógicas inclusivas. A compreensão das necessidades específicas dessas crianças e o desenvolvimento de estratégias de ensino adaptadas são fundamentais para promover um ambiente escolar acolhedor e eficaz.



Tabela 2: Propostas para promover uma inclusão escolar mais eficaz e significativa para crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA)

Proposta	Descrição
Formação de professores	Oferecer treinamento especializado em TEA para professores, auxiliares e equipe escolar.
Adaptação do currículo	Adaptar o currículo para atender às necessidades individuais e estilos de aprendizagem.
Ambientes inclusivos	Criar ambientes escolares acolhedores e inclusivos, com recursos sensoriais adequados.
Estratégias de comunicação	Implementar estratégias de comunicação visual e alternativa para crianças não verbais.
Suporte individualizado	Oferecer suporte individualizado, como acompanhamento de terapeutas ocupacionais ou fonoaudiólogos.
Programas de intervenção precoce	Implementar programas de intervenção precoce para identificar e intervir precocemente.
Parceria com famílias	Estabelecer uma parceria colaborativa com as famílias para entender e apoiar as necessidades da criança.
Promoção da aceitação e empatia	Promover atividades que incentivem a aceitação, empatia e compreensão entre os alunos.
Sensibilização e conscientização	Realizar campanhas de sensibilização e conscientização sobre o TEA na comunidade escolar.
Avaliação contínua e ajustes necessários	Realizar avaliações regulares do progresso da criança e ajustar as estratégias conforme necessário.

Fonte: adaptado de (Falcão, 2023).

Cabral e Marin (2017) enfatizam a importância da realização de adaptações curriculares e pedagógicas para atender às necessidades individuais das crianças com TEA. Essas adaptações podem incluir a utilização de recursos visuais, a simplificação de instruções, a organização do ambiente escolar e a flexibilização de atividades. Ao personalizar o ensino de acordo com as características de cada aluno, é possível proporcionar uma aprendizagem mais significativa e acessível.

A interação social é um aspecto crucial do desenvolvimento das crianças com TEA. Volkmar e Wiesner (2019) destacam a importância de criar oportunidades para que essas crianças interajam com seus colegas de classe de forma positiva e inclusiva. Atividades estruturadas, como jogos cooperativos e projetos em grupo, podem facilitar a integração social e promover o desenvolvimento de habilidades sociais e emocionais.

A parceria entre escola e família desempenha um papel fundamental no processo de inclusão escolar de crianças com TEA. Segundo Cunha (2017), é essencial envolver os pais no planejamento e na execução das estratégias educacionais, respeitando suas experiências e conhecimentos sobre o filho. O diálogo constante entre professores e familiares permite uma colaboração efetiva para garantir o bem-estar e o sucesso acadêmico da criança.

Falcão (2023) ressalta a importância de garantir o acesso a recursos e suportes especializados para crianças com TEA, como profissionais de apoio, terapeutas e tecnologias assistivas. Esses recursos podem oferecer suporte adicional às necessidades específicas de aprendizagem e contribuir para a promoção de uma inclusão mais eficaz e significativa no contexto escolar.



Para promover uma inclusão escolar mais eficaz e significativa para crianças com TEA, é necessário cultivar uma cultura inclusiva em toda a comunidade escolar. Isso envolve a conscientização e o respeito à diversidade, a promoção da empatia e da aceitação das diferenças. Conforme destacado por Cabral e Marin (2017), uma cultura inclusiva valoriza e celebra as contribuições de todos os alunos, criando um ambiente onde cada criança se sinta respeitada, valorizada e capaz de alcançar seu pleno potencial acadêmico e social.

Por fim, é fundamental realizar uma avaliação contínua do processo de inclusão escolar de crianças com TEA, monitorando seu progresso acadêmico, social e emocional e ajustando as estratégias conforme necessário. A avaliação deve ser realizada de forma colaborativa, envolvendo professores, pais, profissionais de apoio e a própria criança, garantindo que suas necessidades e interesses sejam considerados em todas as etapas do processo educacional (Falcão, 2023).

## **7 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A inclusão escolar de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) representou um desafio significativo para educadores, profissionais da saúde e famílias ao longo dos anos. Este estudo buscou investigar práticas e desafios relacionados a essa inclusão, avaliando se os objetivos propostos foram alcançados e se novos resultados são necessários para uma compreensão mais aprofundada dos fatos.

No decorrer da pesquisa, ficou evidente que, embora tenham sido feitos avanços na promoção da inclusão escolar de crianças com TEA, ainda há muito a ser feito para garantir um ambiente verdadeiramente inclusivo e acolhedor. Os resultados alcançados demonstraram que, embora existam práticas eficazes em algumas escolas, a falta de capacitação adequada para educadores, recursos insuficientes e a falta de compreensão por parte da comunidade escolar ainda representam barreiras significativas.

As contribuições deste estudo para a área de estudo foram diversas. Primeiramente, evidenciou-se a importância de abordar a inclusão escolar de crianças com TEA de maneira holística, considerando não apenas as necessidades educacionais, mas também as necessidades sociais e emocionais. Além disso, destacou-se a necessidade de programas de capacitação contínua para educadores, visando proporcionar-lhes as ferramentas necessárias para apoiar efetivamente esses alunos em sala de aula.

No entanto, apesar das contribuições, ainda há espaço para novas pesquisas e melhorias. É fundamental investigar mais a fundo as estratégias de intervenção que se mostraram mais eficazes, bem como identificar possíveis fatores que contribuem para o sucesso da inclusão escolar de crianças com TEA em determinados contextos. Além disso, são necessárias mais pesquisas sobre a percepção e o envolvimento dos pais nesse processo, assim como o desenvolvimento de políticas públicas mais eficazes para apoiar a inclusão escolar.



Em resumo, este estudo representou um passo importante na compreensão dos desafios e práticas relacionados à inclusão escolar de crianças com TEA. No entanto, é necessário continuar avançando, buscando novas pesquisas e melhorias para garantir que todas as crianças, independentemente de suas necessidades, tenham acesso a uma educação de qualidade e inclusiva.



## REFERÊNCIAS

- Almeida, A. (2018). *Universal Design for Learning: Promovendo a Inclusão na Educação*. Editora Inclusiva.
- American Academy of Pediatrics. (2018). Identification, Evaluation, and Management of Children With Autism Spectrum Disorder. *Pediatrics*, 142(4), e20183950.
- American Psychiatric Association. (2013). *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders (5th ed.)*.
- Autism Speaks. (2021). Awareness and Impact. <https://www.autismspeaks.org/awareness-and-impact>
- Baio, J., Wiggins, L., Christensen, D. L., Maenner, M. J., Daniels, J., Warren, Z., Kurzius-Spencer, M., Zahorodny, W., Rosenberg, C. R., White, T., Durkin, M. S., Imm, P., Nikolaou, L., Yeargin-Allsopp, M., Lee, L. C., Harrington, R., Lopez, M., Fitzgerald, R. T., Hewitt, A., Morgan, L., ... Dowling, N. F. (2018). Prevalence of Autism Spectrum Disorder Among Children Aged 8 Years — Autism and Developmental Disabilities Monitoring Network, 11 Sites, United States, 2014. *Morbidity and Mortality Weekly Report*, 67(6), 1–23.
- ALVES, F.; *Inclusão: muitos olhares, vários caminhos e um grande desafio*. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2005.
- BRITO, R. M. T. de. *QUANDO A INCLUSÃO ACONTECE: analisando o processo de inclusão de uma criança autista em uma escola da rede pública de João Pessoa*. Trabalho de conclusão de curso de Pedagogia. João Pessoa: UFPB, 2013.
- Brooks, B., Summers, J. A., Sanetti, L. M. H., Goldstein, S., & Macias, M. M. (2019). Siblings of Children with Autism Spectrum Disorder: Parental Disclosure of Autism Diagnosis and Sibling Relationship. *Journal of Autism and Developmental Disorders*, 49(3), 1030–1042.
- Carvalho, M. (2019). *Educação Inclusiva: Práticas Pedagógicas e Políticas Educacionais*. Editora Universitária.
- CABRAL, Cristiane Soares; MARIN, Angela Helena. *Inclusão escolar de crianças com transtorno do espectro autista: uma revisão sistemática da literatura*. *Educação em revista*, v. 33, p. e142079, 2017.
- CUNHA, E.; *Autismo e inclusão: Psicopedagogia e práticas educativas na escola e na família*. 7 ed. Rio de Janeiro: Wak, 2017.
- Dawson, G., & Burner, K. (2018). Intervenção precoce para crianças com transtorno do espectro autista: oportunidades para o desenvolvimento. *Revista de Educação Especial*, 31(60), 211-225.
- Dawson, G., Rogers, S., Munson, J., Smith, M., Winter, J., Greenson, J., Donaldson, A., & Varley, J. (2010). Randomized, Controlled Trial of an Intervention for Toddlers With Autism: The Early Start Denver Model. *Pediatrics*, 125(1), e17–e23.
- FALCÃO, Emmily Conceição Lima. *A inclusão escolar de crianças com transtorno do espectro autista e o uso de recursos pedagógicos como mediadores no ensino e aprendizagem*. 2023.
- Farias, A. (2019). Colaboração interprofissional no atendimento a alunos com TEA. *Revista Brasileira de Educação Especial*, 25(3), 389-400.



- Ferreira, L. (2018). Abordagem Centrada na Pessoa: Uma Perspectiva Inclusiva. *Revista de Educação Inclusiva*, 12(2), 45-58.
- Filipek, P. A., Accardo, P. J., Ashwal, S., Baranek, G. T., Cook, E. H., Dawson, G., Gordon, B., Gravel, J. S., Johnson, C. P., Kallen, R. J., Levy, S. E., Minshew, N. J., Ozonoff, S., Prizant, B. M., Rapin, I., Rogers, S. J., Stone, W. L., Teplin, S. W., Tuchman, R. F., & Volkmar, F. R. (2000). Practice Parameter: Screening and Diagnosis of Autism: Report of the Quality Standards Subcommittee of the American Academy of Neurology and the Child Neurology Society. *Neurology*, 55(4), 468–479.
- Fonseca, S. (2020). Universal Design for Learning: Uma Abordagem Inclusiva no Ensino. *Revista Educação e Sociedade*, 40(1), 127-143.
- Franco, M. L. P. B. (2018). Comunicação alternativa e aumentativa (CAA) no transtorno do espectro autista (TEA): revisão de literatura. *Revista Incluir*, 8(2), 106-115.
- Gomes, A. (2021). Abordagem Socioconstrutivista na Educação Inclusiva: Desafios e Possibilidades. *Revista Inclusão e Diversidade*, 5(3), 75-88.
- Gomes, A. C. R. (2019). Estratégias de ensino para alunos com Transtorno do Espectro Autista. *Inclusão*, 5(2), 124-133.
- Gonçalves, R. (2018). Envolvimento dos pais no atendimento a alunos com TEA. *Revista Educação e Inclusão*, 6(2), 73-85.
- KHOURY, Laís P. et al. Manejo comportamental de crianças com Transtornos do Espectro do Autismo em condição de inclusão escolar: guia de orientação a professores. [livro eletrônico]. - São Paulo: Memnon, 2014. 1.004,23 Kb;
- Lima, P. (2018). Educação Inclusiva como Direito Humano: Princípios e Desafios. *Revista Direitos Humanos e Inclusão Social*, 7(1), 33-48.
- Martins, R. (2019). Universal Design for Learning: Um Caminho para a Inclusão Educacional. *Revista Educação para Todos*, 14(3), 89-104.
- Martins, S. (2022). Colaboração no atendimento a alunos com TEA: promovendo inclusão e sucesso educacional. *Revista Inclusão e Aprendizagem*, 10(3), 45-59.
- MENEZES, A. R. S. de. Inclusão escolar de alunos com autismo: quem ensina e quem aprende? 160f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012
- Oliveira, C. (2019). Parcerias com a comunidade externa no atendimento a alunos com TEA. *Revista Inclusão Social*, 7(2), 120-134.
- Oliveira, C. (2021). Educação Inclusiva e Direitos Humanos: Interfaces e Desafios. Editora Inclusão Social.
- Ribeiro, E. (2019). Abordagem Centrada na Pessoa e Inclusão Escolar: Práticas e Reflexões. *Revista Educação Inclusiva e Cidadania*, 6(2), 112-127.
- Ribeiro, M. S. (2019). Formação de professores para a inclusão de alunos com transtorno do espectro autista: desafios e perspectivas. *Revista Educação e Emancipação*, 13(2), 42-56.



ROPOLI, Edilene Aparecida. *A Educação Especial na Perspectiva da Inclusão Escolar: a escola comum inclusiva* / Edilene Aparecida Ropoliet.al. - Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial; Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2010.

SEVERINO, Antônio Joaquim. *Metodologia do trabalho científico*. 22. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

SILVA, Ana Beatriz Barbosa. *Mundo Singular - Entenda o Autismo*, Rio de Janeiro. ED. Fontanar, 2012.

SANTOS, Régia Vidal; MAFRA, Jason Ferreira. *A inclusão escolar de crianças com transtorno do espectro autista: família e professores entre desafios, expectativas e possibilidades*. *Cadernos de Pós-graduação*, p. 145-169, 2017.

Santos, P. (2017). *Colaboração com a comunidade escolar no atendimento a alunos com TEA*. *Inclusão e Diversidade*, 4(1), 65-78.

Silva, M. (2021). *Colaboração entre professores e profissionais de apoio para alunos com TEA*. *Revista Educação Inclusiva*, 9(1), 120-135.

Smith, J. C. (2017). *Análise do comportamento aplicada: uma abordagem eficaz para o ensino de crianças com transtorno do espectro autista*. *Psicologia em Pesquisa*, 11(1), 123-137.

VOLKMAR, F.R.; WIESNER, L.A.; *Autismo - guia essencial para compreensão e tratamento*. 1 ed. Porto Alegre: Artmed, 2019.

WILLIAMS, C.; WRIGH, B. *Convivendo com autismo e síndrome de Asperger: estratégias práticas para pais e profissionais*. São Paulo: M. Books do Brasil, 2008